

conhecido, da vida e obra do grande psicólogo. Tudo quanto não assentasse nas tradições, num conhecimento profundo do passado, estava, para Jung, condenado à ruína ou ao desastre. Qualquer mudança política que não tivesse em conta a experiência, isto é, que não estivesse relacionada com o inconsciente colectivo, era uma coisa que tinha de ser dolorosa para os homens. Esses absurdos sacrifícios, essas hecatombes causadas pelas revoluções, tinham como causa primeira esta ignorância do passado.

É evidente que a psicologia, sobretudo a freudiana — e Jung presentiu-o logo desde o primeiro encontro com Freud —, se transformou, com o tempo, numa filosofia, no sentido mais vulgar do termo. O homem para quem «Deus morreu», como reza o desespero contemporâneo, tem que se refugiar numa algaravia. E aquele que não se quer politizar, ou vender a alma ao diabo, põe-se a acreditar na psicanálise ou nos seus sacerdotes. É todo um culto laico, engendrado por um profeta do século XX, de cuja propaganda se encarregaram, pelo menos ao princípio, as mulheres, como acontece na fase inicial de todas as religiões.

Aqui há uns três anos, conheci em Málaga uma senhora norte-americana, toda ufana da sua crença na psicanálise e da sua modernidade. Subordinava tudo a esta palavra. Para ela, Freud e os seus discípulos eram o que havia de mais avançado, de mais actual, de mais eficiente e até mais elevado no aspecto moral, dado que uma religião implica também uma moral. Disse-lhe que ela não fazia mais do que substituir uma religião por outra, a religião cristã pela religião psicanalítica; que, de Freud para cá, muita água havia corrido pelo Mississipi; que, entretanto, a psicologia também dera muitos passos em frente. Falei-lhe de Jung e do que este diz a respeito do equilíbrio interior, impossível sem uma firme política pessoal entre o físico e o metafísico. Ela recusava-se a acreditar nas minhas palavras; era-lhe impossível desprender-se do seu profeta e da sua doutrina. Além disso, ela tinha a certeza de que a sua atitude e a sua crença eram a última palavra, e era impossível ser-se moderno fora do freudismo. Estamos completamente separados do passado, dizia-me ela; vivemos num mundo inteiramente novo; não temos necessidade alguma de recorrer aos preconceitos dos velhos tempos; pertencemos à era dos satélites artificiais e das viagens à Lua. E assim por diante.

— Está bem — replico eu —, está tudo certo como a senhora diz, menos o facto de que Freud pertence à era dos primeiros automóveis. A velocidade destes, em comparação com a dos de agora, é como a do caracol comparada com a da lebre. Além disso (ela

desembrulhava entretanto um pacote de velas de cor), para que são essas velas que a senhora comprou aqui em Málaga?

— Para os meus serões em X (povoação toda «moderna» da Califórnia). Sou perdida por velas. Costumo organizar reuniões com os meus amigos, e logo que eles chegam apago as lâmpadas eléctricas, e assim passamos noites maravilhosas à conversa ...

— Tal e qual como nos antigos tempos — disse eu. — Esses serões, veja bem que são medievais; e a senhora fala da sua ansia de modernidade. Esse passado que a senhora quer destruir é como Deus: quanto mais mal fala dele, mais ele aparece na sua vida de todos os dias. A senhora acredite-me: tem de começar a pensar em Jung.

E aqui está como eu me tornei defensor da psicologia jungiana: por mero desejo de contradizer uma senhora caprichosa e maluca, toda segura do seu interior anímico, toda embrenhada nas trevas de uma vida profunda, que não queria ver nem entender. A voz do inconsciente colectivo continuava a expressar-se nela através das velas de cor, para recuar até à Idade Média e recuperar o que lhe faltava.

Enquanto falo com o arquitecto Jung, vou recordando aquela cena. Estamos ambos de acordo: Freud é fácil de digerir para os homens do nosso tempo, herdeiros de uma mentalidade muito presa ainda às crenças do século XIX. Só raras *élites*, cientistas, filósofos ou artistas, totalmente renovados por dentro, conseguiram libertar-se daqueles preconceitos. Como desligar-se do determinismo, das certezas do positivismo, de uma literatura puramente (mas erradamente chamada) realista, quando todo esse trincafiio vem justificar uma moral e uma filosofia ao alcance de toda a gente? O mesmo acontece no campo político, em que todas as soluções nos vêm lá das lonjuras do marxismo ou do capitalismo, doutrinas que se defrontam, não por se encontrarem a um desnível de profundidade ou de eficácia, mas antes pelo facto de provirem da mesma *forma mentis*, da mesma forma romântico-positivista. E aqui está como as pessoas de hoje «podem» compreender Marx e Marcuse, mas não conseguem imbuir-se das ideias de Jung. É possível, diz-me o filho de Jung, que Freud tenha sido um arranque necessário.

A passagem desta mentalidade, respondo, para outra mais avançada coincide com essa dolorosa mudança em que neste momento nos debatemos. O psicológico, a passagem de Freud a Jung, implica toda uma *Weltanschauung*,* um conjunto universal ou uma entelégua. Vivemos desta maneira, e não doutra, porque tudo é mudança, porque estamos a quebrar amarras antiquadas, mas sólidas, em busca de outro porto. Porém, de porto em porto, viagem arriscada e à aventura. Violenta, como temporal de alto mar.

* Contemplação do mundo